

## O POETA E SUA CIRCUNSTANCIA

**Itálico Marcon**

Promotor Público em Porto Alegre

(Discurso proferido na Academia Rio-Grandense de Letras, na sessão do dia 18-3-75, ao tomar posse na Cadeira n. 31, que tem como patrono Paulino de Azurena e cujo último ocupante foi Alcides Gonzaga)

Aqui me encontro sinceramente envaidecido pela fidalguia do convite que muito me honra e, sobretudo, me apraz. A investidura que nesta noite me conferis, galardão máximo das Letras do nosso Estado, se reveste de uma significação maiúscula, que me sensibiliza sobremaneira.

Sou recebido por vós no ano em que se comemora, oficialmente, o Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul e na antevéspera do dia do nascimento do saudoso amigo Mansueto Bernardi. Já por isso a minha gratidão se multiplica e se transmuda, ao mesmo tempo, na promessa de que em mim tereis um colaborador indormido e leal, voltado, tão-só, para os mais legítimos interesses da nossa Cultura.

Convosco quero crescer e construir, ao arrepio do egoísmo estéril e do confinamento narcisista. O humano e o social, em sua exata conotação semântica, animam o meu propósito de sempre ser um lidador incansável, defensor do homem integral e da sua liberdade criadora.

### **Capitulação e responsabilidade**

Em uma época de violências constantes e de agitações políticas, de tecnicismo desenfreado e de incrível inversão de valores,

onde o fácil prepondera, o vulgar se agiganta e o inartístico vanguardista predomina e perverte, faz-se mister uma tomada de consciência, tornando presente, na encruzilhada em que vivemos, uma das mais sublimes e insubstituíveis manifestações do gênio humano: a literatura, comprometida apenas com o homem e a sua circunstância histórica.

Já vinga em demasia uma inaudita capitulação diante do novidadeiro literário, que somente distrai, quando não corrompe o gosto estético e não malfere a nossa sensibilidade vibrátil.

O senso da medida e do ridículo, da adequada proporção, deve existir em tudo. Uma seleção de valores, separando o efêmero do permanente, o improvisado do visceralmente vivido, enfim, o grosseiro, o cômodo e o fugaz do que é belo e, portanto, eterno, pois o belo já é um começo de eternidade.

Somos responsáveis, é preciso que se o diga, pelas nossas omissões e, outrossim, pelo legado que devemos transmitir aos nossos sucessores, em um amanhã próximo e incerto.

De nós depende o propiciar uma lição que dignifique e enriqueça o patrimônio cultural do homem, outorgando-lhe substância, prolongamento e concretude.

Não podemos, destarte, trair a nossa condição de intelectuais, deixando-nos subjugar por perfumes exóticos e arremedos literários, meramente epidérmicos e postiços, que não traduzem a real vivência do homem, os anseios do seu coração angustiado e os vãos infinitos do seu espírito desperto e possessivo.

Não se trata, em absoluto, de refugiar-se em uma torre de marfim, alheios ao cotidiano circundante e à problemática social que nos aguilhoa e solicita.

Mas, sim, de preservar e cultivar as contribuições culturais dos nossos antepassados, as suas criações supremas no campo da literatura, onde palpita a alma humana, com toda a sua verdade, com toda a sua poesia, com todo o seu sofrimento e os seus sonhos intermináveis.

## **O poeta**

É preciso sonhar algumas vezes.

Parar no tempo e no espaço para adquirir a verdadeira perspectiva das coisas e do próprio homem. Para que o humano em nós não morra inteiramente na cinemática vertiginosa dos acontecimentos e no sortilégio dos engenhos mecânicos.

Sentir-se infância, descompromissada e ingênua, na ciranda de um suceder de imprevistos e de sempre novas fulgurações.

Seja-me permitido, pois, nesta hora singular, um remergulho nos escaninhos do passado, nas minhas origens crescidas no sopé de um monte, onde descobri a vida.

O recuo nostálgico visiona uma rua humilde, de uma pequena vila de Garibaldi, com poucas casas que sobem a encosta pontilhada de parreiras.

Uma delas, erguida pelas mãos calejadas e sofridas de Pedro, meu pai, com a ajuda de Lúcia Inês, minha mãe, foi o meu primeiro e definitivo deslumbramento.

Nela nasci, às vésperas do eclodir da Segunda Guerra Mundial, e fui surpreendido pelo desabrochar da natureza nos repetidos dias de chuva, vento, frio e solidão.

Fantástica nas noites de lua cheia, qual barco navegando nas estrelas, a casa paterna amiúde se entregava toda mistério e magia de reiteradas descobertas.

Das suas janelas, rasgadas para o arvoredó, cronometrava o passar do tempo e o fluir das estações, antegozando o sono povoado de fantasmas e de estranhos duendes.

Após as tempestades, então, os meus olhos maravilhados seguiam os ratos brancos, céleres e diminutos, ziguezagueando ao redor das pereiras e dos frutos caídos.

Foi assim que a poesia surgiu e se apossou de mim, identificando-me, desde logo, com a natureza. Vem de longe, pois, e profundo, o meu compromisso literário. Desde as minhas raízes que sabem a terra lavrada e se nutrem do suor do homem e do segredo de todas as coisas.

Por isso, sempre abominei o mero ludismo, gratuito e colorido, mais aparência que efetivo viver e disponível conviver existencial. Aceitei o meu destino de escritor ciente das minhas possibilidades mas, também, das minhas não poucas limitações.

Todavia, jamais passei por cima de ninguém e nem traí a minha dignidade pessoal.

Sou grupalista, por excelência, na atividade literária, partícula de uma Geração de Poetas que não concebo mutilada ou propriedade de altissonantes e palavrosos senhorios.

Quero-me fiel a mim mesmo e à simplicidade familiar, enraizado no Humanismo Italiano e temperado pela terra sul-rio-grandense, em uma integração espontânea do universal com o regional.

De outra parte, sempre persegui, a partir de 1954, estudante em Porto Alegre, o diálogo e o relacionamento com os escritores mais experientes. E, confesso, nunca fui ludibriado. Novos horizontes se me entreabriram, amplos, arejados e limpos.

E-me grato enumerar os seus nomes: Mansueto Bernardi, Guilhermino César, Moysés Vellinho, Manoelito de Ornellas, Mário Quintana, Reinaldo Moura, Walter Spalding, Olyntho Sanmartin, Athos Damasceno Ferreira, Carlos Dante de Moraes, Érico Veris-

simo, Dante de Laytano, Arthur Ferreira Filho e Elvo Clemente, presença fraterna e estímulo desinteressado, este último, desde os Grêmios Litero-Culturais do Colégio Nossa Senhora do Rosário.

Todos eles, através da sua solicitude e dos seus conselhos, participaram no consolidamento das minhas inquietações literárias, cujos primórdios radicam nas saborosas e inesquecíveis histórias contadas por meu pai, minha mãe e por meu irmão Natalino.

Em verdade, foram esses familiares os meus primeiros e inigualáveis mestres, prodigiosos na sua capacidade inventiva de prender e motivar a minha curiosidade infantil, de menino sensível e introvertido, precocemente macerado pelas solicitações do espírito criativo.

Ao embalo dos seus relatos a minha imaginação flutuava pelos reinos da fantasia, pelo território calcinado da Sicília e pelos vales e montes do Vêneto ancestral. Pelo universo da poesia. E do homem.

Aliás, sempre me preocupei com o homem, com a sua trágica e radical urgência terrena, com o seu cumprir-se no mais-além.

### **Antropologia poética**

A minha poesia, em última instância, não passa de uma antropologia poética: o reencontro do homem com a sua realidade última; a procura das suas raízes, das suas origens; a busca de uma felicidade impossível; a certeza de que o homem não é divino, eterno, devendo morrer; e a revolta contra essa evidência derradeira, que o amargura e o consome aos poucos, sem qualquer escape.

Daí os meus livros "Tempo de Exílio" e "Ave de Rapina": eu (homem, paradoxalmente, particular/global), exilado no mundo da máquina e da cibernética, tentando o diálogo, essencial para a minha sobrevivência no tempo, que se esgota tão depressa.

Essa a tentativa da minha poesia: reunir os fragmentos da "circunstância" humana, da minha historicidade agônica, preservando o "menino" que outrora fui, intensamente, e que não posso deixar de ser, sob pena de perder-me para sempre.

Daí a circularidade de "Tempo de Exílio" e de "Ave de Rapina", traduzindo o ciclo vital do poeta, que se confunde com a metamorfose da morte, adredemente assumida por um ato de consciência lúcida.

Com efeito, a temática da morte substancializa o recôndito da minha poesia, vencida toda a circunstancialidade e instaurado o Ser.

Daí os meus poemas presentificarem uma carência que, através do conteúdo autobiográfico, se torna visível e palpável, sina-

lada pelo desespero de quem procura nas coisas e nos homens a ressonância de uma vida absoluta e plena, a inocência dos primeiros anos, a perda de identidade.

Tudo policiado por um excesso de autocritica, impiedosa e obstinada. Por uma urgente lucidez de quem se sabe imperfeito e perecível.

## O crítico literário

Essa urgência lúcida se exterioriza, maiormente, na minha atividade de ensaísta, toda ela endereçada para o necessário equilíbrio judicativo, embora muitas vezes inatingido.

Particularizando, cada um de nós reage diante de um poema dizendo: "Gosto" ou "Não Gosto". É a nossa subjetividade que se manifesta ao primeiro encontro com o artefato poético, consumindo-se na esfera do individual, do pessoalismo arbitrário, sem a menor transcendência. O subjetivo, unicamente, comanda a nossa aferição estética, reduzindo e obliterando o ângulo de abrangência do nosso posicionamento de fruidores.

Com efeito, a "preferência subjetiva é a única possível" no entender de Lionello Venturi. Mas não é o bastante. O fenômeno poemático, para ser apreendido em sua integralidade, pressupõe um adensamento crítico desse impressionismo inicial, uma floração maior que implica um juízo de valor, o mais possível objetivo.

A apreciação pertinente de qualquer poema exige a dicotomia subjetividade/objetividade, a única que, no seu conjugar-se, liberta a especificidade da criação literária, o seu íntimo existir, aquilo que a individualiza e a diferencia ao mesmo tempo.

A própria marca do gênio de cada poeta e que atribui à sua obra a categoria de literariedade, flagrante e inconfundível.

Por isso, a fruição puramente impressionista é falha e incompleta, circunstancial, se não se alicerçar, também, no componente objetivo, que só uma cultura diversificada e assimilada permite.

A sensibilidade é um começo, um início indispensável, mas que só floresce na plenitude de sua maturidade/organicidade quando acompanhada de um lastro cultural, filtrado pela análise crítico-científica.

Daí a minha metalinguagem, exercitada na imprensa, preferencialmente, a partir de 1956, na Página Literária do extinto "Jornal do Dia"; no Suplemento Cultural do "Diário de Notícias", em 1960, na qualidade de seu crítico literário oficial; e na Página Literária e no Caderno de Sábado do "Correio do Povo", — querer-se um desvelamento da intimidade do poema e do universo romanesco, projetando-os no centro do próprio homem, liberto do mundo massificado, em que impera o desamor, a fraude e a usura.

Crítica e autocrítica conjugadas, explodindo, no seu ecletismo, um conflito insopitável de quem se questiona e disseca tudo o que se encontra o seu derredor.

Tentativa de armar um diálogo comigo mesmo e com os outros, misto de confissão e de julgamento da nossa sociedade de consumo, rompendo o círculo asfíxiante da incomunicação humana.

## **O Promotor Público**

Completando a triangulação pessoal comparece o Promotor Público, que também sou, em cujo âmago, idêntico ao poeta e ao ensaísta literário, fervilha um conflito, nem sempre resolvido.

Com efeito, o objetivo e o subjetivo que o circunscrevem raramente encontram o denominador comum, esvaziando as tensões e elidindo os choques que dele promanam.

Essa dualidade, no plano concreto, reclama a superação das deficiências naturais, apontando para o estatuto do justo e do perfeito.

E, como tal, lhe causa perplexidade e o angustia, retraçando a sua grandeza maior e o seu martírio constante; vencer o humano, com suas limitações próprias, instaurando a justiça que sobrepára acima do contingente e do precário.

Em verdade, promover a justiça não constitui apenas um preceito legal, ornado de ademanos e de filigranas verbais.

Implica, antes, um sobrepujar-se e uma convergência.

A superação das deficiências pessoais e a canalização da norma jurídica e do agir institucional para o fato social, humanizado, em um enlace abrangente, na preservação do homem/totalidade e do próprio Estado.

Interpretando e desenvolvendo a lição de Carnelutti, o Promotor Público é o Poeta do Direito. Daí não se chocarem em mim o Órgão/Fiscal da Lei, o Crítico Literário e o Poeta.

Pelo contrário, os três se harmonizam e se enriquecem reciprocamente, eis que lidam com a mesma matéria-prima: o homem e a sua circunstância histórica.

## **Paulino de Azurenha**

Consequência do segundo componente dessa tríade foi a descoberta de José Paulino de Azurenha, patrono da Cadeira n. 31 da mais alta Corporação Literária do Rio Grande do Sul.

Explico-me. Desde cedo me preocupei em adquirir um conhecimento pormenorizado da nossa literatura. Demoradas pesquisas

foram desenvolvidas, já desde 1954, nesse sentido. Em uma delas, realizada na coleção do "Correio do Povo", existente na Biblioteca Pública de Porto Alegre, localizei diversas produções de Paulino de Azurena, copiando meia dúzia delas para o meu Arquivo.

Nascido em 28 de maio de 1860, na cidade de Porto Alegre, José Paulino de Azurena faleceu, nesta Capital, aos 3 dias do mês de junho de 1909, vitimado por uma apoplexia fulminante.

Humilde de condição, depois das primeiras letras, foi tipógrafo, a fim de garantir o seu sustento.

Nesse honesto mister, movido pela sua inteligência peregrina e pela sua sensibilidade afinada, ocupava os lazeres com a poesia.

Por cerca de 1892, trocou os caixotins pela mesa de escritor. Entrou, nesse ano, no "Jornal do Comércio", dirigido por Aquiles Porto Alegre e Caldas Júnior, onde prestou relevantes serviços.

Em 1º de outubro de 1895, ao fundar-se o "Correio do Povo", passou a fazer parte da sua redação, nele permanecendo até o último de seus dias terrenos.

Ponderado, de lisura comprovada, tranqüilo e eficiente, Paulino de Azurena impôs-se, desde logo, como um conselheiro solícito e acatado, a quem todos recorriam nos momentos de dificuldade.

Com efeito, o seu espírito religioso e a sua bondade inata jamais falharam, sempre fornecendo a solução pronta para os problemas dos que buscavam o seu conselho e a sua ajuda.

É que, ao lado do artista de cor, comovido e comovente, conviviam o católico de fé robusta e o monarquista declarado, sempre esquivo aos acenos da glória e imerso no seu dia-a-dia solitário.

Sob o pseudônimo, logo popular, de "Léo Pardo", manteve, no "Correio do Povo", apreciado folhetim com o título de "Semanário", em rodapé, aos domingos.

Deixou dezenas de poemas esparsos pelos jornais da época, de fatura parnasiana com laivos de lirismo romântico.

Como escritor de crônicas, porém, é que ele merece a nossa peculiar atenção, sendo considerado por João Pinto da Silva "o nosso melhor cronista literário" da fase que se inicia em 1900, juízo esse ratificado por Zeferino Brazil.

Efetivamente, Paulino de Azurena, embora autodidata, dominava as nuances do vernáculo e escrevia com desenvoltura, revelando uma pena ágil, fina e irônica.

Comprovação disso é o "Semanário de Léo Pardo", publicado, postumamente, em 1926, pela Livraria do Globo, enfileirando as suas principais crônicas e abrangendo o arco de tempo que vai de 8 de julho de 1905 a 19 de junho de 1909.

Em vida, de parceria com José Carlos de Souza Lobo e Mário Totta, divulgou, em 1897, através da Livraria Americana, "Estricnina", que traz por subtítulo "página romântica".

Trata-se de uma pequena novela, mesclada de crônica e de noticiário policial à antiga, destacando-se, na observação de Guilhermino César, os “trechos que fotografam o meio porto-alegrense, os hábitos da vida noturna, os mexericos de rua, os bairros à margem do Guaíba”.

## **Alcides Gonzaga**

Alcides Gonzaga, por seu turno, último ocupante da Cadeira n. 31, também nasceu em Porto Alegre, a 28 de maio de 1890, e aqui faleceu no dia 29 de outubro de 1970.

Conheci-o em 1962, na Gerência do “Correio do Povo”, dele recebendo, na ocasião, “Homens e Coisas de Jornal”, a única obra que publicou, em 1945, pela Livraria do Globo, enriquecida com uma dedicatória que antecipava o meu ingresso na Academia Rio-Grandense de Letras.

Mesmo assim, no seu isolamento, ela constitui, em suas 256 páginas, um repositório fundamental para a história do “Correio do Povo” e da Imprensa Gaúcha, máxime a partir de 1895.

Nela desfilam poetas, jornalistas, fatos e revelações indispensáveis para um certo equacionamento da Literatura do Rio Grande do Sul vinculada ao jornalismo.

Memorialista desempenado e sem reboços, brincalhão às vezes, Alcides Gonzaga nos fornece um incisivo e minudente retrato do meio jornalístico, extrovertendo quatro décadas de fidelidade ao “Correio do Povo”, tribuna livre e prestimosa das melhores expressões da literatura sul-rio-grandense do Século 20.

Indiscutivelmente, além de um patrimônio cívico e moral, o jornal de Caldas Júnior remanesce uma espécie de Academia Literária “sui generis”.

Acolhendo as mais diversificadas gerações de escritores, o “Correio do Povo” se tornou o escaadouro natural das idéias do nosso tempo, imune a toda mordação, sobranceiro e independente. Fiel ao artigo programático traçado por seu fundador, já que, no dizer de Assis Brasil, os “homens têm a estatura dos princípios que encarnam”.

## **Decálogo afetivo**

De outra parte, escreveu Couture que a “nossa vida se apóia em um metro quadrado de terra. Nele está nossa mesa de trabalho, com seus livros, seus papéis sob a luz da lâmpada, os retratos de nossos pais e a presença de nossos filhos. Ao seu lado, está aque-



la a quem elegemos para percorrer juntos os caminhos da vida. Em outras palavras: o respeito ao passado, a ilusão do futuro, a fé no presente. O mundo é grande, porém, em última instância, nossa vida se assenta nesse metro quadrado de terra”.

Sem sombra de dúvida, esse universo familiar, afetivo e apaziguador, resume tudo: Pedro, Lúcia Inês, Gabriel, Rosana, Antônio, Gema, Natalino, Maria, Italo e Mariza. Meus pais, meus irmãos, minha esposa.

Nele plantei o melhor dos meus sonhos.

E de sua seiva fecunda, humana e pura, extrai o decálogo da minha conduta diária, que irá vivificar e aprimorar-se ainda mais no convívio da Academia Rio-Grandense de Letras.

Pois segundo Ezra Pound, “il miglior fabro” na definição de T. S. Eliot:

“O que amas de verdade permanece,  
o resto é escória  
O que amas de verdade não te será arrancado  
O que amas de verdade é tua herança verdadeira”.